

Doenças curáveis ainda matam

por Paulo Totti
de Washington

(Continuação da 1ª página)

sobre o estado da saúde em 127 países e cujos resultados foram liberados ontem à tarde, em Washington. O "Investing in Health. World Development Indicators" é o décimo sexto estudo anual que o BIRD realiza sobre temas específicos — os três mais recentes foram sobre meio ambiente, estratégias de desenvolvimento e pobreza; o de 1994 será sobre infra-estrutura. Na apresentação do relatório, o presidente do BIRD, Lewis T. Preston, assinala que, nos últimos quarenta anos, houve progressos notáveis na melhora das condições de saúde em todo o mundo — na média geral dos países em desenvolvimento, por exemplo, uma criança nascida hoje tem uma expectativa de vida de 63 anos (no Brasil, de 66), enquanto a esperança média dos nascidos em 1960 só chega a 53 (Brasil, 52). Esse progresso é creditado à descoberta de vacinas, ao relativo declínio da pobreza, à elevação dos níveis de instrução e à expansão dos serviços públicos. O próprio Preston, porém, adverte: "Os países em desenvolvimento, especialmente os pobres que neles vivem, continuam sofrendo uma pesada carga de doenças, grande parte das quais pode ser prevenida ou curada sem grandes gastos". As outras 322 páginas do relatório se destinam a diagnosticar o problema, a comentá-lo — como nas revistas semanais, há quadros de texto, 48 deles, destacando detalhes importantes da investigação — e a sugerir soluções, acompanhadas de tabelas, mapas e gráficos (ver página 7).

O estudo constata que "é assombroso" o número de vítimas de enfermidades que podem ser prevenidas ou curadas a baixo custo. E somente a edição em espanhol satisfaz integralmente a intenção de alerta dos seus autores ao grafarem com um ponto de exclamação no início e outro no final as seguintes frases: "A carga global de morte prematura e de diminuição de capacidade corresponde a uma perda ao redor de 1,4 bilhão de anos de vida saudável. Isso equivale à perda da quarta parte da vida em plenas condições de saúde de cada homem, mulher ou criança do mundo!"

Os mais de cinquenta técnicos contratados pelo BIRD para a realização do relatório, num esforço de sintetizar os problemas de mau gasto dos recursos destinados à saúde, públicos ou privados, concentram-nos em três situações: a) prescrevem-se tratamentos caros que só prolongam a vida uns poucos meses ou poucos anos, mas não se destina suficiente financiamento a serviços de baixo custo, como as imunizações, que "prolongam a vida de forma considerável"; b) desperdiçam-se recursos por muitas razões, como a má planificação hospitalar e a ineficiência na seleção e armazenamento de medicamentos; c) em muitos países, os pobres devem percorrer grandes distâncias para chegar aos estabelecimentos de saúde e esperar

durante horas para receber atenção de má qualidade.

Essas conclusões servem para todo o mundo não desenvolvido — mais apropriadamente chamado de países em desenvolvimento (o Brasil incluiu-se também na subdivisão das "economias de renda média severamente endividadas") — e também para alguns dos 24 membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as chamadas economias de mercado estabilizadas.

O Brasil é citado exatas trinta vezes no texto do relatório e outras quarenta nos gráficos e tabelas, mas não foi possível confirmar se é um dos "dois países da América Latina" tomados como exemplo de que o poder público nem sempre está livre da corrupção e da "mais pura" incompetência. O relatório cita dois hospitais mantidos com dinheiro público, respectivamente com quinhentos e seiscentos leitos. "Um era simplesmente demasiado grande para ser administrado e funcionar e, por isso, não podia ser usado em mais de 60% de sua capacidade. O outro era tão mal desenhado que não podia acomodar mais do que um terço do planejado número de pacientes."

As soluções que os técnicos do BIRD apresentam partem do particular para o geral. Além da adoção de ética e competência como critérios de designação dos responsáveis pela política de saúde, as sociedades deveriam desenvolver "ambientes econômicos" que possibilitem às famílias a melhora de sua própria situação. Isso presume, e o relatório admite, políticas de crescimento e de aumento da renda dos pobres. Uma ênfase especial é dada à expansão dos investimentos em instrução escolar, especialmente das meninas (estas, mais que os meninos, têm salutar influência nos níveis de higiene de toda a família pobre).

O relatório considera reduzidos os recursos destinados à saúde em todo o mundo e sugere um aumento de US\$ 2 bilhões na ajuda que países e instituições do mundo industrializado, entre elas o próprio BIRD, prestam aos países pobres sob essa rubrica. O documento sugere também que a assistência externa deveria ser prestada preferencialmente aos países que "estão dispostos a empreender importantes reformas em sua política de saúde. E manifesta simpatia pelas soluções que promovam "diversidade e competição". Alentar a concorrência entre os prestadores de atendimento de saúde, os voluntários privados e os privados com fins de lucro pode fazer com que melhorem a eficiência e o grau de satisfação dos consumidores, sugerem os autores. Os governos, porém, e esta é uma outra sugestão, devem fortalecer sua capacidade para regulamentar as atividades do setor privado, "aspecto que lamentavelmente falta em muitos países em desenvolvimento".

Doenças curáveis ainda matam

por Paulo Totti
de Washington

A varíola, que matava 5 milhões de pessoas por ano até a década de 50, está totalmente erradicada no mundo. E na América Latina não se registra um só caso de poliomielite desde 1988. Em compensação enfermidades tão velhas quanto aquelas — e de tratamentos ainda há mais tempo conhecidos —, como sarampo, tétano e coqueluche, continuam matando 2 milhões de crianças. Dois milhões de adultos morrem simplesmente de tuberculose. E 400 mil mulheres, de complicações na gravidez ou no parto.

A essas doenças seculares está-se juntando a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS, em sua sigla inglesa), que poderá matar mais de 2 milhões de pessoas anualmente a partir do fim deste século, se até o ano 2000 não se encontrar um modo de controlá-la.

As vítimas desse massacre? Os pobres e, entre os pobres, preferencialmente as crianças e as mulheres. Responsáveis? Todos nós, a começar pelos governos. Dentre estes há os insensíveis, que simplesmente não consideram a saúde um problema com que se devem preocupar. Os corruptos, que desviam para proveito próprio ou de terceiros o dinheiro existente para o combate à pobreza e às doenças dela decorrentes. E os bem-intencionados equivocados ou incompetentes, que administram mal os (poucos) recursos de que dispõem. Na maioria dos casos, sua ação é tão deletéria quanto a das duas outras categorias de maus governos. Juntos, desperdiçam US\$ 2 bilhões no mundo todo e o resultado dessas más políticas são o aumento da mortalidade entre os pobres e o desvio das chamadas verbas sociais para setores da população que "gozam de melhor situação econômica".

Este é um resumo de levantamento feito pelo Banco Mundial (BIRD).